

DA LAREIRA À SALA DE AULA: a formação do medievo místico através dos contos de fadas

Ana Cecília Pierre dos Santos Tavares¹

RESUMO:

A Idade Média é um período histórico frequentemente marcado por interpretações e estereótipos que, em muitos casos, carecem de embasamento historiográfico. Muito do que se sabe sobre o período medieval são indagações feitas durante o período Moderno, fazendo com que a Idade Média seja dividida em duas diferentes realidades, o obscurantismo renascentista ou o romantismo moderno. O presente artigo tem como objetivo analisar os contos de fadas do século XVII - XVIII, sua origem, popularidade e potencial pedagógico. E por meio de obras de autores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm, entender de que modo a ideia que se tem hoje sobre o medievo foi moldada a partir dessas histórias e de um pensamento moderno e contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Média; Contos de fadas; Novo medievalismo; Ensino de história

FROM THE FIREPLACE TO THE CLASSROOM: the formation of the mystical medieval through fairy tales and their pedagogical potential

ABSTRACT:

The Middle Ages is a historical period often marked by interpretations and stereotypes that, in many cases, lack a historiographical basis. Much of what is known about the medieval period are questions made during the Modern period, causing the Middle Ages to be divided into two different realities, Renaissance obscurantism or modern romanticism. This article aims to analyze fairy tales from the 17th - 18th centuries, their origin, popularity and pedagogical potential. And through works by authors such as Charles Perrault and the Brothers Grimm, you understand how the idea we have today about the medieval was shaped from these stories and modern and contemporary thinking.

¹ Informações acadêmicas: possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: cecilia.pierre.700@ufrn.edu.br.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2424725837572437>. Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica, desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado "*O Espaço Funerário no Egito Antigo: a agência material em tumbas tebanas pré-amarnianas, Reino Novo, XVIII Dinastia, c. 1550-1353 A.E.C.*", sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Márcia Vasques.

KEYWORDS: Middle Ages; Fairy Tales; New medievalism; History teaching

Introdução

A Idade Média possui uma relação conturbada com o senso comum. Andando em uma linha tênue entre o obscuro e o místico, esse período de quase mil anos é frequentemente caracterizado como dez séculos marcados por peste, fome e miséria; um tempo em que a Igreja dominava tudo e todos enquanto a educação e a ciência não se desenvolviam. Assim, formou-se no imaginário popular a ideia de um período 'estagnado' no tempo.

No entanto, o imaginário popular não remete o medievo somente a uma falta de progresso intelectual, na verdade, existe, atualmente, uma cultura de apreciação do bizarro, como bruxas, ogros e fadas que atormentava a mentalidade medieval. Alimentados por uma Cultura Pop, a contemporaneidade parece se interessar cada vez mais pelas estranhezas de um período tão insólito quanto a Idade Média. As adaptações dos contos de fadas são um dos primeiros contatos que se tem com esse medievo místico, misturando características referentes tanto de um período obscuro dos estereótipos da Idade das Trevas, quanto em uma realidade fantástica com as criaturas mágicas.

Percebe-se que nas mais diversas mídias a Cultura Pop repete os mesmos elementos da Idade Média. Os cavaleiros, as damas, os castelos gigantescos, magos e bruxas, dragões e outros tipos de seres místicos são bastante recorrentes. Nessa perspectiva, é necessário problematizar o medievo por meio de questionamentos como: De que maneira foi que esses contos surgiram? Como se popularizaram tanto? Como essa cultura literária fantástica moldou a Idade Média? É necessário desconstruir as ideias do medievo místico em detrimento de um Novo Medievalismo? Como utilizar essa Cultura Pop em sala de aula? É a partir daí, entendendo de que maneira a Idade Moderna por meio dos contos de fadas moldou

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

uma visão que perdura até os dias atuais da Idade Média, que pode-se questionar o potencial pedagógico desse medievo místico e como utilizá-lo em sala de aula.

Para debater essas questões, esse estudo concentra-se em uma nova maneira de estudar a Idade Média. Por meio do Novo Medievalismo, as estruturas de estudo tradicionais do estudo da história do período medieval vão sendo substituídas por novas análises. Essas novas perspectiva vão ajudar a combater a literaturização² da Idade Média, ou seja, a transformação da história em uma simples obra literária, por meio de estudos que não somente se dedicam a pesquisar o medievo a partir das documentações dos séculos V a XV, mas também como ele é visto e propagado em períodos posteriores.

Propõe-se, então, uma análise teórica e histórica do gênero conto de fadas, buscando compreender a sua origem e evolução, o contexto cultural e social em que foram criados e sua relevância educacional, com o intuito de entender como essa cultura literária moldou o imaginário contemporâneo da Idade Média. Por fim, será apresentado um modelo de sequência didática para ter uma visão cristalina de como esses contos podem ser usados no ensino básico.

Dos Mitos aos contos de fadas

Sendo visto hoje em dia como uma falácia, o Mito surgiu como uma tentativa de explicar a realidade de determinado povo. Assim a tradição oral estava muito ligada à religiosidade. Logo, pode-se dizer que a passagem do Mito para o conto se dá, primordialmente, pela perda de um sentido religioso. O estudioso Eleazar Meletínski estabeleceu traços distintivos para se entender essa mudança, no entanto não cabe aqui explicar todos os pontos abordados por Meletínski, mas sim pincelar por essas categorias para entender como se dá a transição de uma narrativa sagrada, o Mito, para uma profana, o conto maravilhoso.

² (Mínguez, 2006).

Em geral, entende-se que essa mudança ocorre quando há uma dessacralização da história. Desse modo, no momento em que o Mito perde a sua função ritualística e religiosa, ele se transforma em conto. Três pontos principais de Meletínski ajudam a entender essa mudança: o primeiro é a diferença nos protagonistas, no que Meletínski chama de herói mítico e não mítico. Nas narrativas mitológicas os personagens principais são quase sempre pessoas e seres divinos, como deuses, titãs, e semideuses, enquanto nos contos de fadas, aqueles que guiam as histórias são pessoas comuns. O segundo ponto é a mudança no tempo e no espaço das narrativas. O tempo mítico presente nos Mitos são longínquos, sempre ligados à origem das coisas.

Com a desmitologização as histórias deixam de ter essa origem e começam a se passar em tempo-locais fantásticos e ao mesmo tempo indeterminados, como uma floresta, uma vila ou um castelo. A ausência de um sentido etiológico(o nosso terceiro ponto), ou seja, dessa explicação da origem/causa de fenômenos marca os contos maravilhosos. Desse modo, o etiológico é trocado pela moral.

Em suma, ao mesmo tempo que a transição entre sagrado e profano é algo manifestado por quase todos os estudiosos dessa literatura e das religiões comparadas, Eleazar Meletínski aponta é que a desmitologização se torna traiçoeira no momento em que todos os outros gêneros entre esses dois se misturam. Quais itens tem nos contos clássicos que faltam nos arcaicos? E o folclore arcaico, em que posição ele se matem? Um Mito se mantém um Mito mesmo não corroborando com alguns desses itens? Esse espectro cinzento que se encontra entre esses dois gêneros é imenso e a fusão de características ora mitológica ora pertencentes aos contos de fadas, cria-se obras, que conseguem se encaixar em ambos os gêneros e ao mesmo tempo em nenhum.

Popularização dos contos maravilhosos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Os contos maravilhosos são sempre relacionados à infância e ao crescimento da criança, contudo essa concepção foi atribuída a eles apenas no século XVII, pois o seu público original não era infantil. Ainda na transição dos Mitos para os contos, essas histórias eram feitas por adultos para adultos. As crianças começaram a se tornar alvo dessas narrativas no mesmo período em que elas deixaram de ser consideradas pequenos adultos e passaram a ser vistas como humanos em desenvolvimento durante a Idade Moderna. Sabendo desse início não-infantil, como esses contos de fadas se popularizaram tanto?

Surgindo de uma tradição oral, que por si só, sofre alterações a cada pessoa que conta a história, os contos de fadas, transcritos para o papel por Charles Perrault em os Contos da Mamãe Gansa, e os irmãos Grimm em 1812, com o seu livro Histórias das Crianças e do Lar (*Kinder- und Hausmärchen*), também foram escritos de uma maneira que abordassem os interesses dos escritores.

Perrault, sendo um membro da alta burguesia do século XVII, encontrou, ao escrever o seu livro "Contos da Mamãe Gansa", um meio de propagação de ideologias burguesas e cristãs. Os irmãos Grimm, na Alemanha do século XIX, se utilizam desse mesmo recurso histórico-literário para a transmissão de valores éticos e religiosos, neste caso, o protestantismo. O "Era uma vez..." e o "...e viveram felizes para sempre" atraem as jovens mentes para esse mundo no qual eles mesmo enfrentam os seus maiores medos, corporificados nos contos como ogros, bruxas e outros monstros, e também conseguem realizar os seus maiores sonhos.

O medo, como aponta Jerry Griswold, desempenha um papel importante nas histórias infantis do que nas histórias para adultos. Quando as crianças lêem histórias, elas experimentam o mesmo medo e ansiedade que os personagens, mas o fazem em um ambiente simulado seguro. Personagens que enfrentam situações assustadoras modelam habilidades

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de enfrentamento para leitores infantis, proporcionando-lhes um ensaio geral para os desafios da vida (Dewan, 2016, p.2, tradução nossa).³

Os contos ensinam as crianças que se elas foram corajosas, éticas e morais terão uma vida plena com tudo o que desejam. Se as meninas forem tão boas quanto a Cinderela, receberão a presença da fada madrinha e ainda se casariam com o príncipe encantado. Se os meninos forem tão corajosos quanto João enfrentando o gigante no topo do pé de feijão, eles serão agraciados pela presença de uma fada que tratá fortuna para a sua casa e família pobre. Os “azarões”, aqueles que são desacreditados, muitas vezes interpretados pelos irmãos mais novos nos contos, são aqueles que vencem todas as adversidades no final da história e isso faz com que as crianças se coloquem no lugar dos personagens, querendo ser como eles.

A cada conto de fada há um novo ensinamento. No conto Henrique de Ferro, da tradução do inglês “O Príncipe-Sapo ou Henrique de Ferro” (*The Frog King, or Iron Henry*), as meninas são ensinadas a manterem a sua promessa. Na história, a jovem princesa ao ter a sua bola de ouro, o seu brinquedo preferido, jogado no lago, faz um acordo com um sapo, se ele trazer a sua bola de volta ela seria a sua amada. A princesa ganhou a bola de ouro de volta, mas não queria cumprir a sua parte da promessa e por isso foi repreendida pelo pai, “O rei disse: Você deve manter a sua promessa não importa o que você diga. Vá e abra a porta para o sapo.”(GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm., 2014, p.14, tradução nossa).⁴ Fazendo o que o pai mandou, a princesa permaneceu fiel à sua palavra e nessa mesma noite, o sapo que ela achava desprezível, se transformou em um príncipe encantado.

³ No original: Scariness, as Jerry Griswold points out, plays a larger role in stories for children than it does for adults. When children read stories, they experience the same fear and anxiety as the characters, but they do so in a safe simulator-type environment.

⁴ No original: “The king said: “You must keep your promise no matter what you said. Go and open the door for the frog”.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Em “O Pequeno Polegar”, os meninos são ensinados que mesmo você sendo o menor e mais novo de todos, com inteligência e coragem, fazendo uma simples troca de sete gorros velhos por sete tiaras, conseguem enganar o gigante e saírem vivos. A recompensa final seria dada aos bons meninos e meninas que seguissem as morais dos contos de fadas, seja essa recompensa o casamento ou a fortuna.

Os desafios que as crianças enfrentam ao se colocarem no lugar dos personagens é o que faz elas amarem essas histórias, os contos simbolizam os sonhos e esperanças das crianças, principalmente as mais pobres (Dewan, 2016). Vivendo em pobreza durante a Europa do século XIX, muitas crianças não podiam fazer muito além de projetar uma vida melhor, saindo de conflitos da vida real por meio de histórias dos heróis e heroínas dos contos de fadas. Para elas seguir com os ensinamentos dados nessas histórias era a única maneira disponível a elas de se ter a vida que tanto sonhavam.

Os contos de fadas: Medievais ou Modernos?

É analisando os contos de fadas de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm, que é possível observar o aspecto religioso, burguês e moralista de suas histórias, esses atributos nos fazem questionar se essas narrativas são tão medieval quanto pensamos ou se há mais elementos de um mundo moderno. A fome, elemento muito importante nessas histórias como em João e Maria, condiz mais com o momento em que a França de 1697 estava passando do que com uma representação do cotidiano medieval. No livro “História do medo no Ocidente” Jean Delumeau dedica um capítulo para dissertar sobre o temor do europeu moderno em morrer de fome. A falta de alimento, em particular o pão, na cidade francesa de Anger, era tão grande, que a morte por inanição era algo real.

Na Lorena uma mulher foi condenada à morte por ter comido o filho.
Em 1637, segundo um magistrado que fazia uma investigação em

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Borgonha, “[...] as carniças dos animais mortos eram procuradas; os caminhos estavam cobertos de pessoas, a maioria estendida de fraqueza e agonizando [...]. Enfim, chegou-se a carne humana. (Delumeau, 2009, p. 253).

Observando a realidade europeia moderna percebe-se que o canibalismo em contos como João e Maria possuem raízes muito mais modernas do que medievais. Charles Perrault apesar de pertencer à elite francesa, não estava alheio aos acontecimentos em seu país. Para um homem que nasceu em 1628 e viveu até 1703, o escritor presenciou o período de fome que a França passou. A oralidade pode ter transformado os contos de maneira que abordassem a escassez de comida que as famílias, principalmente mais humildes, passavam, e essas versões foram eternizadas por Perrault.

Durante os séculos seguintes, a situação da fome da Europa pode ter melhorado, mas as marcas deixadas em um povo que sofreu durante séculos estaria gravado em sua memória e em seus contos infantis. Desse modo, a taxa de mortalidade da Europa dos séculos XV a XVIII era alta, esses dados não estavam unicamente ligados a uma má alimentação da população, mas também a um conhecimento medicinal ainda em desenvolvimento. O estudo sobre a saúde da mulher surgiu ainda na Idade Média, no entanto, apesar de ambas as formas de se fazer um parto já serem conhecidas durante a Idade Moderna, as camadas mais baixas da população carecem de instruções, de modo que a maioria das mulheres continuava morrendo. Essa alta taxa de mortalidade materna durante o parto amplia a nossa visão sobre a participação fervorosa de madrastas dentro dos contos de fadas.

Os dogmas cristãos não eram somente ensinados a partir de metáforas, outros contos tinham notoriamente o objetivo de semear o cristianismo. Nas histórias de Jacob e Wilhelm Grimm esse aspecto religioso é muito mais perceptível do que de outros escritores. No conto São José na Floresta (*Der heilige Joseph im*

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Walde) após a terceira filha ser largada na floresta e achar a pequena cabana de São José ela é recompensada com um saco de moedas de ouro, por ter sido boa e caridosa com o santo. A mãe da criança, uma mulher gananciosa, ao ver o saco de dinheiro manda a sua filha do meio para que ela consiga mais. A segunda mais velha, descrita como uma menina boa, mas ainda com vários defeitos, voltou para casa com outro saco de moedas, porém com menos do que a primeira. A primogênita foi a última a ser deixada na floresta e trazer mais dinheiro para casa, mas por ser mal educada não recebeu nenhuma recompensa, apenas uma punição assim como a sua mãe.

Os mais diversos pecados como a soberba, inveja e preguiça são colocados em vários contos como “O pobre e o rico”. Deus procurando um lugar para passar a noite primeiro tenta se hospedar na casa de um homem rico que o nega, ao pedir estadia na pequena choupana e ser recebido por um casal pobre, Deus concede-os três desejos, sendo eles a salvação eterna, comida e saúde e por fim, depois da permissão de Deus para mais um desejo, uma boa casa. O homem rico vendo a oportunidade que perdeu após não dar estadia ao andarilho foi o procurar, mas ao fazer pedidos egoístas e supérfluos acaba com nada no final.

Nenhum desses apontamentos ignoram a importância de um folclore medieval para a construção desses personagens e criaturas, mas também não deve-se pensar que não houveram alterações ao longo dos séculos. A língua é algo em constante modificação, e o mesmo vale para as histórias passadas oralmente de geração em geração, cada vez que contadas tem um significado e função diferente. A literatura, se adequando às necessidades da mensagem de cada autor, assim, a forte presença de personagens como as bruxas, madrastas más que enfeitiçam os seus filhos, pode significar mais um apelo moderno para a quantidade de mortes das mães durante o parto, ou um apelo religioso para se contrapor ao divórcio e ao segundo casamento.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A literatura infantil foi uma ferramenta utilizada por esses escritores para não só criarem uma consciência cultural ao ensinar os valores morais que eles achavam dignos, mas também fazer com que as crianças entendessem a realidade que as rodeavam por meio de paralelos entre as histórias e suas vidas, já que eram eles que estavam à mercê de lobos, bruxas, ogros e gigantes. Uma percepção de que esses contos são retratos de uma vivência medieval sem levar em conta o período em que foram inscritos leva ao estabelecimento de estereótipos já abordados no presente artigo. Assim, os contos maravilhosos dizem mais sobre o próprio período em que foram escritos, a Modernidade, do que sobre o que eles pretendiam falar, a Idade Média.

O potencial pedagógico dos contos de fadas

Apesar da academia ser um local onde a quebra da educação tradicional deveria ser feita, ela ainda é regada de preconceitos. Os professores que saem dessa academia ao não debaterem as problemáticas que cercam a história dos grandes heróis contribuem para a perpetuação desses estereótipos no ensino básico. Isso acontece, porque as mentes estudantis foram por muito tempo programadas para o modelo de Educação Bancária⁵, no qual os alunos são meros depósitos de conhecimento e os professores aqueles que depositam. Essa relação entre poder e educação precisa acabar, abrindo espaço para um novo tipo de educação que prioriza o debate e a troca de experiências entre os professores e os alunos, que fazem com que ambas as partes aprendam algo novo (Paro, 2010).

A matéria de História possui uma vantagem em relação às outras disciplinas no que se refere a essa nova forma de educação. Ao se aprender sobre outras culturas, lugares, pessoas e eventos, o contato com a alteridade é muito maior do que em matérias como matemática, por exemplo. É por isso que a história deve ser

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

o carro chefe na introdução desse modelo educacional. O cenário audiovisual é muito forte no Brasil; crianças, jovens e adultos passam horas de seu dia assistindo a séries e filmes. Assim, essas culturas midiáticas possuem um imenso potencial pedagógico. Portanto, é necessário questionar a ideia de um medievo místico criado pela Cultura Pop?

Elementos como os castelos, cavaleiros, damas e a Igreja são bastante pontuados pelo senso comum quando se fala sobre a Idade Média. Ao mesmo tempo que os discentes sabem que as bruxas, gnomos, dragões, gigantes e sereias não existem no mundo real, eles ainda são atidos pela ideia de um universo fantástico, misterioso e cheio de aventuras. Desse modo, ao invés de apenas corrigir essa mídia, ela deve ser apropriada pelos professores para que novas discussões sobre a Idade Média se iniciem. Deve-se, no entanto, ser cauteloso com os diversos anacronismos que se tornam mais fortes com o distanciamento temporal entre o historiador e o objeto de estudo, buscando não projetar conceitos e valores contemporâneos no mundo medieval, mas entender as continuidades e rupturas da história.

Os contos de fadas, os quais os alunos conhecem desde pequenos, podem ser utilizados para discutir justamente o que eles apresentam, o ambiente e os personagens. Um dos principais focos quando se estuda Idade Média é a relação feudo-vassálica entre dois aristocratas, contudo, há outras relações mais relevantes dentro das comunidades medievais como o *dominium*⁶, que são totalmente esquecidas no currículo escolar.

Ao observar as ações de um cavaleiro dentro dos contos de fadas o professor possui diversas possibilidades de ensino, uma delas seria começar a relação entre nobres e cavaleiros, o surgimento desse segundo grupo e a formação da aristocracia.

⁶ O *dominium* é a “relação entre os senhores e os produtores que dependem deles” (Baschet, 2006, p. 128).

A relação entre o cavaleiro e a dama, presente em diversos contos é um meio para entender o que seria o amor cortês, e a ética cavaleiresca.

A Igreja, sua feudalização e influência na sociedade também são tópicos importantes em sala de aula. Os contos dos Irmãos Grimm apesar de possuírem alterações que os tornam mais modernos do que medievais – algo que também pode ser apontado pelo docente – devem ser utilizados como base para entender a Igreja, uma potência em crescimento durante a Idade Média, deve sim ser apresentada aos alunos sem a visão estereotipada. O Cristianismo no entanto, não deveria ser a única crença abordada, o mundo mulçumano, surgiu durante o século XII EC não só podem como devem ser mais discutidas, além Maóme e a Hégira. As possibilidades são infinitas.

Sequência didática

Para questões de esclarecimento sobre a utilização dos contos de fadas em sala de aula, foi se pensando em uma proposta de sequência didática. A atividade foi idealizada para turmas de ensino médio, porém pode ser adaptada para outros anos. A proposta busca, em 3h/aula, romper a ideia de uma 'Idade das Trevas' e compreender as diversas reconfigurações do medievo ao longo do tempo.

Na primeira aula, o professor deve questionar os alunos sobre o termo 'Idade das Trevas', buscando entender o conhecimento prévio deles para, assim, iniciar o debate sobre a origem do termo, seu significado e como ele continua sendo perpetuado na atualidade. Em um segundo momento, o docente deve escolher um conto de fadas para ser lido em sala de aula, como, por exemplo, *Henrique de Ferro*. A escolha do conto dependerá das questões que o professor(a) deseja abordar como percepções modernas, muitas vezes confundidas com uma representação medieval, como a religiosidade, aspectos culturais, entre outros. Por fim, na terceira e última aula, o professor deve mostrar de que forma o conto de fadas escolhido para a leitura na aula anterior é representado no audiovisual. Utilizando a série *Once Upon a*

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Time o professor pode apresentar as mudanças não apenas no enredo dessas histórias, mas também na representação do medievo e na repercussão dessas narrativas até a contemporaneidade.

Desse modo, a sequência didática atende as propostas de habilidades, EM13CHS101; EM13CHS102; EM13CHS104, formuladas pela BNCC⁷, com o objetivo de estimular o pensamento crítico dos alunos a não somente identificar a construção do conhecimento histórico por meio dos contos de fadas, mas também discutir a apropriação e reconfiguração da Idade Média feita pela Modernidade e Contemporaneidade.

Considerações finais

Os contos de fadas são reminiscências escritas de uma tradição oral muito difícil de se identificar a origem. Ao perder o sentido religioso, o Mito se transforma em conto ganhando outro papel. Modificadas, ao longo dos séculos, por diversos folcloristas como Charles Perrault e Jacob e Wilhelm Grimm, essas narrativas condizem mais com acontecimentos contemporâneos a esses homens do que o medievo que eles se passam. A partir dessas histórias, remodeladas para ensinarem os valores morais e religiosos dos escritores, foi pavimentado um ideal de medievo místico iniciado na modernidade que se estende até os dias de hoje com as mídias de massa.

Neste trabalho, buscamos analisar esses contos maravilhosos para entender assim o que eles nos informam sobre a Idade Média e como eles podem ser utilizados em sala de aula para o aprendizado de crianças e jovens sobre a história. Assim, o(a) professor(a) como canal intermediário entre a matéria e os alunos, precisam sair do modelo da Educação Bancária, estabelecido em nosso país. Se utilizando do diálogo entre os conhecimentos prévios dos alunos sobre essas

⁷ Base Nacional Comum Curricular.

narrativas fantasiosas e os aspectos históricos que se pode retirar dos contos como elementos da sociedade medieval, bem como cavaleiros, nobres, princesas, a Igreja e as vilas, vai haver uma nova forma de ensino de História.

REFERÊNCIAS

ALTSCHUL, Natalie R.; BERTARELLI, Márcia E.; AMARAL, Carolina. Apresentação do dossiê: **O que é o neomedievalismo?** *Revista Signum*. Londrina, v. 22, n. 1, 2021.

AMORIM, Inessa Rosa de; MORAIS, Guilherme Augusto Louzada Ferreira de. **A transformação de um gênero: dos contos de fadas às animações contemporâneas da Walt Disney Pictures e da Pixar Animation Studios**. R. Letras, Curitiba, v. 24, n. 45, p. 96-119, jul./dez. 2022.

AURELL, J. **El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos**. Hispania. Revista Española de Historia, Navarra, v. 66, n. 224, p. 809-832, set./dez. 2006.

BARBOSA, David Sales. **Contos medievais e “modernos”**: das reuniões em torno das lareiras aos contos de fadas. *Humanidades em diálogo, [S. l.]*, v. 8, p. 79–91, 2017. DOI: 10.11606/issn.1982-7547.hd.2017.140539. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/140539>. Acesso em: 19 maio. 2024.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

CARDOSO, Eduardo Brito; LIMA, Jairon da Conceição; SILVA, Luís Carlos Lima. **Cultura Pop na Educação**: Uma Possibilidade Didática no Processo de Ensino-Aprendizagem. Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2023.

CHEPPE Bruno; MASI, Guilherme; PEREIRA, Nilton Mullet. O potencial pedagógico da Idade Média Imaginada. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

DEWAN, Pauline. **Perennially Popular: The Appeal of Classic Fairy Tales for Children.** *Children and Libraries*. Association for Library Service to Children (ALSC), v. 14, n. 2, p. 27–31, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5860/cal.14n2.27>.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *The Original Folk and Fairy Tales of the Brothers Grimm: The Complete First Edition*. Tradução de Jack Zipes. Ilustração de Andrea Dezsö. Princeton: Princeton University Press, 2014.

LOPEZ, Juan Ignacio Jurado Centurion. **POR OUTRO IMAGINÁRIO MEDIEVAL: NOS BASTIDORES DA LITERATURA (UM OLHAR DESDE O NOVO MEDIEVALISMO)**. Revista Graphos, vol. 22, nº 3, 2020 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536.

MELETÍNSKI, Eleazar Moisseievitch. **Mito e Conto Maravilhoso:** Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Rafael Bonavina. RUS (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 10, n. 13, p. 149–164, 2019.

MENDES, Mariza B. T. Em busca dos contos perdidos. **O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

MINGUEZ, C.G. **La construcción de la Edad Media: Mito y realidad**. Palência: PTTM, 2006. Disponível em: <https://es.scribd.com/document/207585549/Dialnet-LaConstruccionDeLaEdadMedia-2335958>. Acesso em: 09 set. 2020.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo, SP: Cortez. . Acesso em: 09 out. 2023., 2010.

PERRAULT, Charles. *The fairy Tales of Charles Perrault*. Ilustração de Harry Clarke. 2009. Disponível em: <http://www.archive.org/details/fairytalesofchar00perr>. Acesso em: 26 agosto. 2024.

ROCHA, Waldyr Imbroisi. **Deus e o Papa nos Contos de Grimm: Reflexões sobre o Catolicismo no Romantismo**. Anagrama, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 3, p. 1–12, 2010.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade